



CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO DE ARQUITETURA

ONÀ NUNES SÁ LEITÃO

**A RESSIGNIFICAÇÃO DO BELO NA MODERNIDADE E O PAPEL DA
ARQUITETURA, ENQUANTO ARTE, NO INCONSCIENTE HUMANO.**

RECIFE
2023



ONÀ NUNES SÁ LEITÃO

**A RESSIGNIFICAÇÃO DO BELO NA MODERNIDADE E O PAPEL DA
ARQUITETURA, ENQUANTO ARTE, NO INCONSCIENTE HUMANO.**

Projeto apresentado ao Curso de Graduação de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Brasileiro do estado de Pernambuco, como pré-requisito para obtenção do grau de Arquiteto e Urbanista, sob orientação da Professora Camila Bezerra Correia Neves.

RECIFE

2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

L553r Leitão, Onà Nunes Sá.
 A resignificação do belo na modernidade e o papel da
arquitetura, enquanto arte, no inconsciente humano / Onà Nunes Sá
Leitão. - Recife: O Autor, 2023.

36 p.

Orientador(a): Camila Bezerra Correia Neves.

Trabalho de Conclusão de curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Arquitetura, 2023.

Inclui Referências.

1. Arquitetura clássica. 2. Arquitetura moderna. 3. Arte. 4. Beleza. 5.
Filosofia. I. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. II. Título.

CDU: 72

Dedico esta monografia aos meus queridos pais e amado esposo; este por nunca ter duvidado da minha capacidade, mesmo nos momentos em que eu mesma duvidava, e aqueles por terem me dedicado suas próprias vidas e me conduzido ao amor pela beleza e pela arte.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por me permitir caminhar ao alcance deste destino, e por conceder aos meus olhos a graça de poder contemplar o belo de sua Criação. Não há nada que me tenha sido mais inspirador, na opção por este tema, que toda a perfeição da Sua obra.

À minha mãe, pelos traços de sua personalidade criativa que me deixou por herança e que me conduziram à escolha desta graduação, além de todo o seu incentivo e afeto que me permitiram conhecer a beleza do amor e dos valores morais.

Ao meu pai, por ter me legado sua sensibilidade e aspiração pela arte em suas diversas manifestações, tendo me inserido desde criança no universo da música, da dança, das artes plásticas, da história e da literatura. Graças a ele, pude conhecer a beleza das coisas imateriais, como a cultura e as tradições.

Ao meu esposo, por todas as demonstrações de apoio, confiança, cuidado e, sobretudo, de amor que me conferiu durante minha trajetória como graduanda (e antes dela também). A vida ao seu lado me proporcionou o encontro com a beleza sacrificial do amor conjugal, e me ajudou a enxergar o mundo sob uma ótica menos egoísta e mais comprometida com o bem coletivo.

Aos meus irmãos, amigos e demais familiares, pela compreensão nos momentos de ausência, pelas palavras de carinho e encorajamento, e por me ajudarem no alívio das tensões causadas pelo esgotamento da minha energia em diversas ocasiões.

E aos meus professores e mentores, cuja contribuição foi de suma relevância na minha formação e desenvolvimento intelectual.

A todos vocês que estiveram comigo direta ou indiretamente nesta jornada, os meus mais sinceros e afetuosos agradecimentos.

Penso que estamos perdendo a beleza e existe o perigo
de que, com isso, percamos o sentido da vida.

Roger Scruton

INTRODUÇÃO

Quando pensamos sobre o significado do Belo, é comum que tenhamos em mente a concepção da beleza como algo meramente subjetivo e não útil, servindo-nos apenas como um apetrecho decorativo, seja na vida, na arte ou arquitetura. Porém, não é de hoje que a beleza nos é apontada como um elemento que conecta o ser humano a um mundo imaterial, e que sua existência está ligada à Verdade e ao Bem. Na Grécia Antiga, por exemplo, a beleza era uma mimese do mundo natural, sendo referida por Platão como de natureza objetiva, e cuja perfeição deve nos servir por meta a ser perseguida, ainda que impossível de ser alcançada.

No entanto, com a chegada do período modernista, o entendimento das pessoas acerca do que é belo sofreu acentuadas alterações, e a beleza passou a ser encarada com um olhar relativista, dando margem à uma gradual ruptura dos valores tradicionais da sociedade; o que resultou na valorização da feiura e do caos artísticos, causando prejuízos morais e psicológicos ao homem moderno.

A arquitetura, podemos assim dizer, é a obra de arte em que habitamos e interagimos uns com os outros; e sendo assim, possui um grande poder comunicador e modelador do nosso pensamento. Tudo o que é proposto em um projeto arquitetônico, relaciona-se direta ou indiretamente com o nosso inconsciente, e essa relação pode ser estabelecida através de vários elementos: a organização espacial, as proporções e escalas, a harmonização das cores, a presença (ou ausência) dos detalhes ornamentais e até mesmo o desenho das formas que compõem o ambiente.

Levando em conta essas questões mencionadas, avaliaremos a influência da beleza sobre o inconsciente humano, sendo a arte um de seus principais instrumentos comunicadores, cujos princípios são alterados ao passo em que é modificada a significação que é dada ao belo; e como a arquitetura pode ser utilizada no resgate de valores sociais e morais, que ficaram presos no passado, e em favor do bem-estar psicológico da sociedade contemporânea.

Palavras-chaves: arquitetura clássica, arquitetura moderna, arte, beleza, filosofia, história da arte, neuroarquitetura, divina proporção, fractais, razão áurea.

1. OBJETIVOS

O presente trabalho visa cumprir com a investigação e análise necessárias, para atender aos objetivos geral e específicos indicados a seguir.

1.1. Objetivo Geral

Desenvolver uma análise acerca dos fundamentos e da concepção da beleza na arte e na arquitetura, ao longo da história, apontando sua influência e importância em nossas vidas.

1.2. Objetivos Específicos

- Analisar a importância da beleza, como um elemento que sobrepuja conceitos estéticos e fundamentos ideológicos, concebidos na modernidade.
- Examinar o sentido e a significação do belo para o ser humano, enquanto objeto de contemplação inconsciente, cujos padrões compositivos desobedecem, em diversos aspectos, as eventuais convicções e ideias de um grupo social presente.
- Apontar o papel que a Arquitetura exerce na vida das pessoas, enquanto instrumento de criação de ambientes que favorecem uma vida saudável, por meio da beleza de suas formas.
- Mostrar como a Arquitetura pode ser uma condutora do bem-estar ou do caos em uma sociedade, a partir da organização espacial e da presença ou ausência de detalhes ornamentais.
- Evidenciar a necessidade de preservação dos princípios da arquitetura tradicional.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O conceito de Beleza na Filosofia

O que é beleza? Esta, sem dúvida, é uma indagação que existe no pensamento coletivo das sociedades, desde o período das mais antigas culturas. Se formos conferir o seu significado, levando em conta o sentido etimológico, encontraremos, por exemplo, no dicionário HOUAISS da língua portuguesa, dentre algumas definições, a seguinte: “caráter do ser ou da coisa que desperta sentimento de êxtase, admiração ou prazer através de sensações visuais, gustativas, auditivas, olfativas.” Tornou-se habitual que esse tipo de definição acerca da beleza seja a primeira que nos vem à mente, aos questionarmos-nos sobre ela. Ou até mesmo o entendimento de que a beleza é algo que não representa uma verdadeira utilidade, podendo ser negligenciada em detrimento da função ou do custo. Ela também é comumente concebida, nas sociedades modernas, como sendo de caráter relativo, que depende inteiramente do ponto de vista do seu observador, e que não há normas pré-estabelecidas para que alguma coisa ou pessoa seja considerada bela.

No entanto, para que possamos compreender o verdadeiro significado do Belo, precisamos primeiro investigar o seu sentido do ponto de vista das Ciências Filosóficas, tendo em vista que são elas as responsáveis pela busca do conhecimento a respeito do ser, do viver e do existir humanos. Sendo assim, tomaremos como partido os princípios de entendimento do Belo através da Estética clássica grega, período compreendido entre os séculos VI - IV a.C., onde teremos uma explanação filosófica sobre a Beleza e suas relações com a Ética e a Arte.

De acordo com Suassuna (2012), durante as épocas “clássicas”, quando não se negava a Filosofia, o Belo era uma propriedade – captada e estudada – do objeto, sendo ele (O Belo) cogitado pelo belo da Arte e o belo da Natureza, ambos fundamentados no pensamento platônico e concebidos a partir de uma hierarquia filosófica, onde o belo da Natureza era superior ao da Arte. Deste modo, Platão (340 a.C.) sustentava a ideia de que a existência da beleza era autônoma, e que seria belo tudo aquilo que estivesse de acordo com o conceito universal de beleza encontrado nas proporções e harmonias das formas naturais. Além disso, defendia a ideia de haver uma relação profunda e indissociável entre o Belo, o Bom e o

Verdadeiro; onde, na beleza encontramos a harmonia das formas exteriores e no bem a harmonia das formas interiores, alcançando assim a verdade, como nos aponta Scruton (2015).

Figura 1 – A Verdade



Fonte: BRASIL PARALELO, 2022

Os elementos “harmonia” e “proporção” também eram bastante considerados por Aristóteles (384 a.C.), discípulo de Platão, que nos trazia um conceito de beleza baseado na ordem (ou harmonia) e na grandeza, deixando um pouco de lado o idealismo platônico da Beleza suprema, porém, sem abandonar a ideia de que a beleza precisa de padrões para ser.

O Belo consiste na grandeza e na ordem, e, portanto, um organismo vivo pequeníssimo não poderia ser belo, pois a visão é confusa quando se olha por tempo quase imperceptível; e também não seria belo sendo enorme, porque faltaria a visão de conjunto, escapando à vista dos espectadores a unidade e a totalidade. (SUASSUNA, 2012, p. 28)

Sendo assim, a teoria aristotélica nos traz uma ideia de beleza que consiste na perfeita harmonia das partes de um todo, onde haja unidade na variedade. A proporção e a harmonia precisam caminhar lado a lado, fazendo com que o caos e a desordem deem lugar à ordem e ao equilíbrio, elementos estes que estão presentes nas formas encontradas na natureza, onde as justas proporções reencontram-se na Matemática.

Esta visão sobre o que é belo é reafirmada também na filosofia pitagórica, onde as proporções naturais são “denunciadas” pelos números, e são encaradas como de caráter fundamental na composição da beleza. “Com Pitágoras nasce uma visão estético-matemática do universo: todas as coisas existem porque refletem uma ordem e são ordenadas porque nelas se realizam leis matemáticas que são ao mesmo tempo condição de existência e de Beleza.” (Eco, 2004, p. 59). Segundo o filósofo e teólogo Boaventura de Bagnoregio (século XIII):

Todas as coisas são, portanto, belas e de certo modo deleitáveis; e não há Beleza e deleite sem proporção, e a proporção encontra-se em primeiro lugar nos números: é necessário que todas as coisas tenham uma proporção numérica e conseqüentemente “o número é o modelo principal na mente do Criador” e o principal vestígio que, nas coisas, conduz à sabedoria. Tal vestígio, sendo evidentíssimo a todos e viciníssimo a Deus, nos conduz, por assim dizer, a Ele através de suas sete diferenças e nos leva a conhecê-lo em todas as coisas corpóreas e sensíveis; à medida que aprendemos que as coisas têm uma proporção numérica, experimentamos prazer em tal proporção numérica e julgamos de maneira irrefutável em virtude das leis que a regulam. (apud ECO, 2004, p. 60)

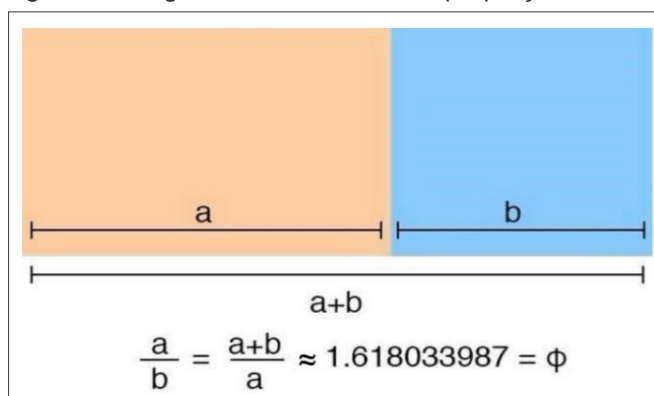
A Beleza é, portanto, uma ordenação natural que nossos sentidos buscam, involuntariamente, no intuito de alcançar patamares mais altos da nossa alma e até mesmo realçar o sentido da vida. Tudo aquilo que é belo, o é quando obedece a uma determinada ordem, um padrão que muitas vezes não sabemos explicar o porquê de ser tão agradável, mas que tem o poder de nos transformar com seu “toque”. Não existe uma funcionalidade utilitária na beleza. Ela não é capaz de nos oferecer sombra ou abrigo, por exemplo, mas sua função está em si mesma. A beleza nos atrai para níveis mais profundos do nosso ser e nos convida a sairmos das trevas do caos, rumo à luz que há na ordem de todas as coisas.

2.2. A beleza universal da natureza

Sabemos que no período clássico, a beleza era associada à verdade e à ordem, sendo fundamentada nos princípios de proporção e harmonia que a natureza nos oferece em suas formas. Estudos nos apontam que existem padrões matemáticos na composição das figuras naturais, cuja perfeição simétrica é universal, e pode nos levar a um estado de contemplação inconsciente. Estes padrões podem ser encontrados em praticamente todas as coisas existentes na natureza, desde as moléculas de DNA, até os galhos das árvores, flores, frutos, animais, galáxias, corpo humano, etc.; e suas proporções são definidas a partir do valor contido no chamado “número de Ouro”.

O número de Ouro foi descoberto ainda no período da antiguidade, com os pitagóricos de 500 anos a.C., e trata-se de um número que organiza todo o universo em uma mesma proporção, conhecida como “Divina Proporção” ou “Proporção Áurea”. Este número é representado matematicamente pela letra grega Phi (ϕ), e seu valor aproximado é de 1,61803398875, sendo ele resultante da divisão de uma reta em dois seguimentos, onde a soma dos dois seguimentos, dividido pela parte mais longa, terá o mesmo valor da divisão primeira.

Figura 2 – Segmento AB dividido em proporção áurea

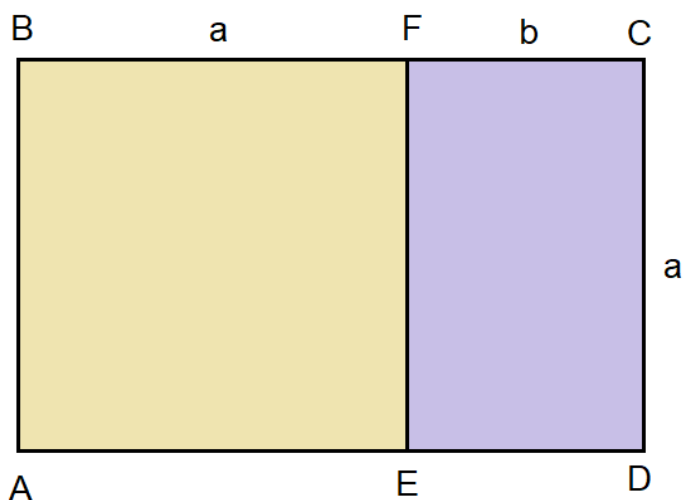


Fonte: SIGNIFICADOS, 2011

Ao longo dos anos, o número de Ouro foi sendo cada dia mais estudado e explorado, e deu origem a outras constatações matemáticas com propriedades mais elaboradas, como é o exemplo do retângulo de Ouro, ou retângulo Áureo, descoberto pelo matemático Leonardo Fibonacci (1170 – 1250). “O retângulo áureo é um retângulo ABCD qualquer com a seguinte propriedade: se dele criarmos um

quadrado, como ABFE, o retângulo restante, CDEF, será semelhante ao retângulo original ABCD. Sendo $a + b$ e a os comprimentos dos lados do retângulo, cumpre-se a relação.” (MARTINS, Patrícia, O Número de Ouro e a Divina Proporção, Paraná, 2008)

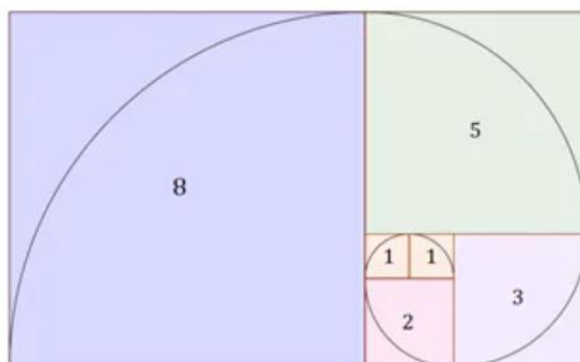
Figura 3 – Retângulo Áureo



Fonte: DA AUTORA, 2023

Deste modo, $\frac{a}{a+b} = \frac{b}{a}$, e sendo assim, o retângulo de ouro pode ser dividido em um quadrado e em outro retângulo de ouro, podendo este processo ser repetido infinitas vezes, com as mesmas proporções, sempre baseadas na aproximação do valor de ϕ (1,6180). Esta sequência infinita de números é conhecida como a sequência de Fibonacci, e tal padrão compositivo pode ser encontrado em diversos elementos da natureza, como nas galáxias, no corpo humano, chifres de animais, moluscos, microrganismos, flores, etc.

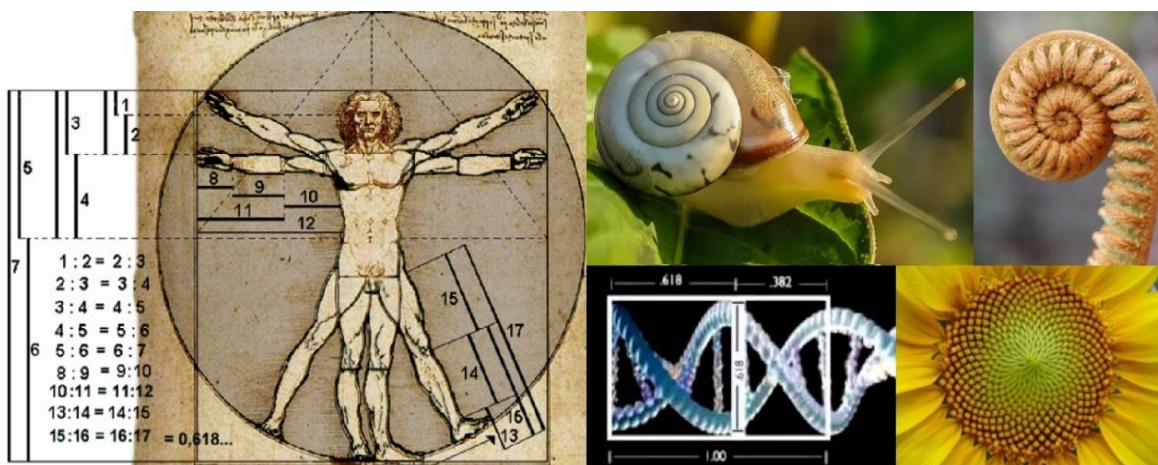
Figura 4 – Retângulo de Ouro e a sequência de Fibonacci



Fonte: GERÊNCIA DE OBRAS, [s.d.]

Se medirmos o diâmetro das espirais das sementes de girassol ou de um caracol, por exemplo, veremos que ele vai aumentando com uma proporção aproximada de 1,6180; se medirmos a nossa própria altura, e dividirmos pelo comprimento do nosso umbigo até o chão, também teremos um resultado aproximado de 1,6180; do mesmo modo encontraremos o valor do número de Ouro, medindo o comprimento do nosso braço e dividindo-o pela medida do nosso cotovelo até a ponta do dedo; ou até mesmo medindo o comprimento de toda a nossa perna e dividindo pelo comprimento do joelho até o chão. Este padrão matemático, para alguns, também evidencia a presença de Deus em sua criação, e pode ser encarado como uma espécie de “assinatura” do Deus Criador sua da obra.

Figura 5 – Proporção Áurea na natureza

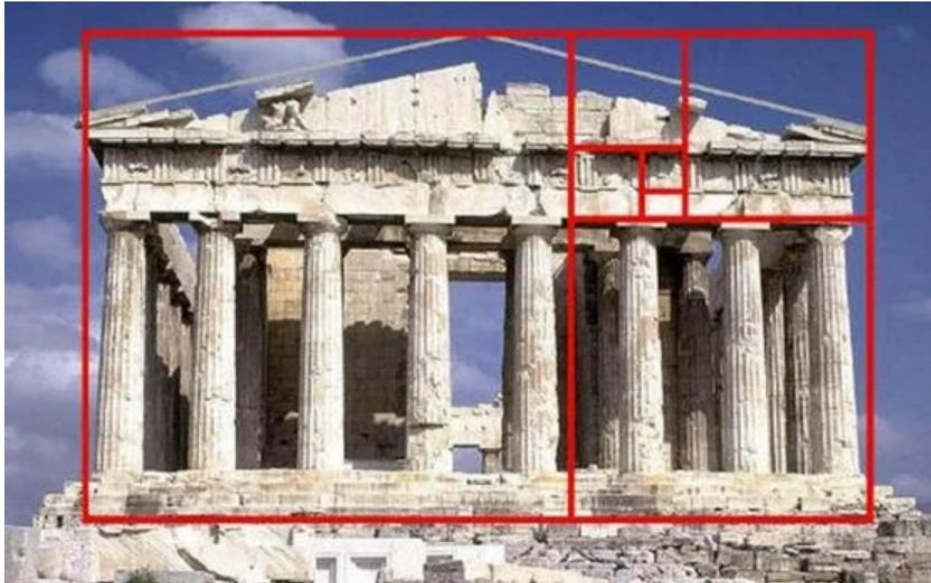


Fonte: Compilação da autora, 2023¹

¹ Montagem a partir de imagens coletadas no site do Pinterest, blog do Peter Chemical e Raciocínio Cristão.

Este princípio de retângulo harmônico, segundo Umberto Eco (2004), foi identificado na composição e crescimento de diversos organismos vivos, tendo sido estudado e celebrado como modelo ideal de beleza, por diversos artistas e arquitetos da época, como o próprio Vitruvius (15 a.C.), por exemplo, cujos princípios conceituais (*utilitas, venustas e firmitas*) e padrões de proporção inauguraram a base da Arquitetura Clássica.

Figura 6 – Parthenon, na Grécia



Fonte: GERÊNCIA DE OBRAS, [s.d.]

Além dos padrões simétricos que são encontrados no número de Ouro, estudos mais recentes também evidenciaram a existência dos padrões fractais na natureza. A aplicação desse termo foi proposta pelo matemático Benoît Mandelbrot, em 1975, e sua explicação nos aponta um padrão compositivo que há em determinados elementos naturais, onde, a estrutura básica de um objeto geométrico (fragmentada ou irregular) repete-se em diversas escalas, como se esses objetos fossem formados, basicamente, por pequenas cópias deles mesmos, sendo essas cópias formadas por cópias ainda menores delas mesmas também, e assim por diante. Esses padrões abundam na natureza, podendo ser encontrados no formato dos brócolis, árvores, vasos sanguíneos, flocos de neve, nervuras de folhas, etc. Em geral, a um objeto geométrico fractal são atribuídas as seguintes características: É muito irregular para ser descrito em termos geométricos tradicionais; é auto similar, sua forma é feita de cópias menores da mesma figura; as cópias são similares ao todo: mesma forma, mas diferentes tamanhos (um zoom em um detalhe da imagem revela novos detalhes).

Figura 7 – Padrões fractais na natureza



Fonte: Compilação da autora, 2023¹

¹ Montagem a partir de imagens coletadas no site MDIG, Pinterest, Fractal Science e Aido Bonsai.

Diante do exposto, podemos entender que a Beleza chegou ao mundo antes de qualquer teoria que se tenha levantado sobre ela. Ela está presente na natureza de maneira universal, e sua existência precede até mesmo as ciências matemáticas e filosóficas. As constatações científicas a respeito da beleza universal da natureza, nos indica mais uma vez que não existe beleza sem que haja uma ordem, um padrão, uma harmonia e uma proporção.

2.3. A subversão da beleza na arte

O conceito de beleza sofreu diversas alterações ao longo da história, quer fossem por motivações filosóficas ou artísticas, quer fossem ideológicas ou econômicas; o fato é que, com o passar do tempo, a beleza passou a ser vista como item de menor relevância (ou pior, descartável) e até mesmo sob uma ótica relativista. Porém, será que essas mudanças conceituais foram/são suficientes para desconstruir todo um aparato estético, que já está enraizado na mente humana há séculos? Será que a beleza é tão relativa assim, quanto se prega nos tempos modernos?

Se traçarmos uma linha do tempo do belo na arte, podemos destacar alguns períodos que foram de maior relevância para a nossa temática, como: o período Clássico, a Idade Média o Renascimento e o Modernismo. No período Clássico, como já vimos, a beleza era valorizada quase que como um princípio, e era compreendida a partir da harmonia e proporção das formas, cuja simetria buscava imitar o que havia de real e verdadeiro no mundo natural. Os gregos e romanos costumavam ver no corpo humano a medida de todas as coisas e consideravam a escala humana como sendo o ideal estético geométrico, na busca da conexão com a verdade, o bem e, conseqüentemente, com o sagrado.

Figura 8: Laoconte e seus filhos, século I a.C.



Fonte: ECO, 2004, p. 46.

Partindo para a idade Média, veremos que a dimensão do sagrado alcançou um nível maior de profundidade, e a estrutura do pensamento filosófico grego foi incorporada à teologia, causando algumas modificações no significado do belo. Neste sentido, a beleza começou a ter uma relação muito forte com o divino (incentivada pela Igreja Católica) e a arte passou a ser utilizada como um instrumento comunicador da fé. Por meio da união entre a fé cristã e o pensamento grego, São Tomás de Aquino assinalou três condições para a beleza:

- Integridade: Não deve faltar nada do que convém ao ser; quanto mais um ente expressa sua plenitude, mais próximo estará da perfeição, e, portanto, mais belo ele será.

- Proporção: A harmonia entre diversas partes para que a ordem expresse um fim que seja próprio da beleza; o ser é necessariamente proporcional a si mesmo; todo ser é não-contraditório; é único.

- Clareza: Quanto mais inteligível mais clareza e resplendor; o que é belo transborda a essência do seu ser; lança luz sobre sua própria natureza.

Através de suas obras, os artistas da Idade Média conectaram gerações por meio da tradição, e transmitiram ao homem comum o conhecimento a respeito do seu passado e da sua história.

Figura 9: Maestà, Pintura de Duccio, 1308



Fonte: ARTE SVELATA, 2020

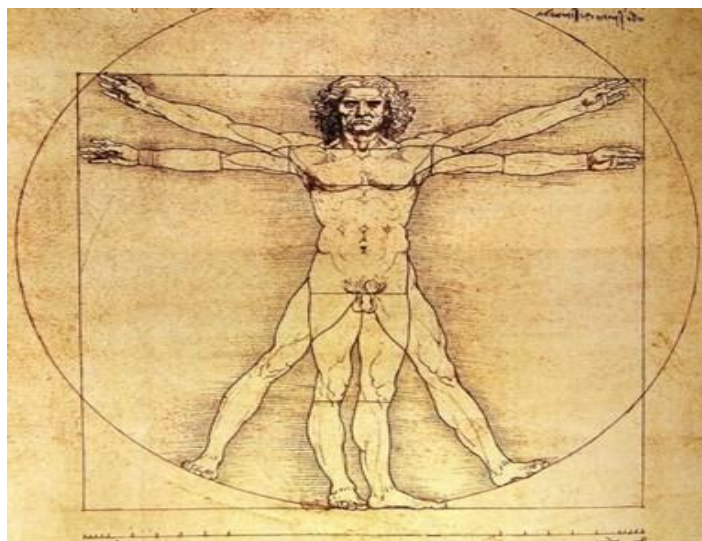
Chegando ao período renascentista, teremos o legado histórico deixado pela Idade Média servindo de base para a construção das fundações da renascença, porém havendo um afastamento da utilização da arte como instrumento de fé. A figura humana passa então a ser a protagonista das obras artísticas, e ainda que haja um determinado diálogo com a sacralidade, durante este período, o teocentrismo dá lugar ao antropocentrismo. A partir daí, inaugura-se uma sutil ruptura dos valores clássicos no belo, pois, diferente do humanismo da Grécia Antiga e de Roma, que via no homem um padrão de perfeição que evidencia uma existência divina (“o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus”), o humanismo renascentista passa a distanciar a figura humana da sacralidade e começa a propor a valorização do homem como centro de tudo.

É durante o período renascentista que artistas como Leonardo Da Vinci nos revelam aquilo que há de mais humano no homem, deixando como pano de fundo,

ainda, os aspectos da forma da beleza clássica, como nos mostra ROMANATO (2020, p. 23), ao apontar que “o Renascimento faz renascer a cultura Clássica e a valorização do ser humano”; porém não escondendo suas intenções de rompimento com o divino e valorização das ideias iluministas.

O mundo que vemos hoje, não é uma ocorrência randômica, não é algo que simplesmente aconteceu, não é algo que seja o resultado de forças inexoráveis ou forças históricas. Ele é o produto de um conjunto específico de ideias e de escolhas; e isso tudo volta, de certa forma, ao período iluminista e a filósofos que no geral queriam ver um mundo melhor. Porém durante o processo, nós criamos uma visão do mundo que se tornou muito destrutiva sob muitos aspectos. (MEHAFFY, Michael. Entrevista concedida para o documentário O Fim da Beleza, BRASIL PARALELO, 2022)

Figura 10: Homem Vitruviano, 1490, Leonardo da Vinci



Fonte: ECO, 2004, p. 81

Partindo para o período modernista, teremos a implementação do termo “estética”, cunhado pelo filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1767), que passou a defini-la como uma disciplina cujo campo de investigação não se relaciona com a filosofia. É a partir daí que o ser humano tem cortadas as suas raízes com o passado. E tudo o que diz respeito à tradição, tanto na concepção do belo quanto na sua própria visão de mundo, é completamente substituído por uma

sucessão de ideias “revolucionárias”, que têm como objeto primeiro o de remodelar a sociedade e, por conseguinte, o homem. A modernidade retirou da arte os conceitos tradicionais de beleza, trazendo um olhar completamente voltado para o relativismo e a percepção pessoal do espectador. Ao fazer isso, desconectou o homem da sua própria história, tornando-o sem identidade e insensível, como podemos observar na fala do Robert Flurczak, em entrevista para o documentário “O Fim da Beleza” (BRASIL PARALELO, 2022):

Confrontando a sabedoria acumulada por séculos de tentativa e erro, a arte moderna buscou romper com a tradição e fundamentar um novo valor de beleza. Não há mais a representação do homem, da natureza ou da fé. A arte passa a refletir a essência dos delírios do homem moderno e sua arrogância.

A História nos aponta o início desta ruptura de significado em meados do século XIX, após os horrores vividos na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), onde surgirão questionamentos a respeito do belo e do feio na arte, motivados por uma proposição “artística” do pintor e escultor francês Marcel Duchamp (1887 – 1968), quando este transforma um urinol em obra de arte, expondo-o e dando-lhe o nome de “A Fonte”. Nas palavras de SCRUTON (2015, p.73) “A arte tomou para si a tocha da beleza, correu com ela por um tempo e acabou deixando-a cair nos mictórios de Paris”.

Um século atrás, Marcel Duchamp assinou “R. Mutt” num urinol, intitulou-o *A Fonte* e o expôs como obra de arte. Imediatamente, a piada de Duchamp precipitou uma indústria intelectual que procurou responder à pergunta: “O que é arte?”. A literatura dessa indústria é tão entediante quanto as incessantes imitações do gesto de Duchamp. Não obstante, ela nos deixou um resíduo de ceticismo. Se tudo pode ser considerado arte, qual o propósito e o mérito de conquistar esse título? Tudo o que resta é o fato curioso, mas infundado, de que algumas pessoas olham para algumas coisas e outras pessoas para outras coisas. Quanto à insinuação de que existiria uma atividade da crítica que busca valores objetivos e monumentos duradouros do espírito humano, ela já é desprezada de

imediatos; tal atividade dependeria de uma concepção de obra de arte que entrara pelo ralo da “fonte” de Duchamp. (SCRUTON, 2015, p. 73)

Figura 11: Guernica, Pablo Picasso (1937)



Fonte: ARTE REF, 2022

Ainda nesse sentido, Roger Scruton nos apontará, em seu documentário “Why Beauty Matters?” (2014), a mudança que o significado da beleza sofreu na sociedade moderna, e criticará os seus efeitos sobre a arte, a arquitetura e o homem:

Se pedisse a qualquer pessoa educada entre 1750 e 1930 para descrever o objetivo da poesia, da arte e da música, elas teriam respondido: a beleza. E se você perguntasse o motivo disso, aprenderia que beleza é um valor tão importante quanto a verdade e a bondade. Então, no século XX, a beleza deixou de ser importante, e a arte gradativamente se focou em perturbar e quebrar tabus morais. Não era beleza, mas originalidade, atingida por quaisquer meios e a qualquer custo moral, que ganhava os prêmios. Não somente a arte fez um culto à feiura, como a arquitetura se tornou desalmada e estéril. E não foi somente o nosso entorno físico que se tornou feio: nossa linguagem, música e maneiras, estão cada vez mais rudes, aut centradas e ofensivas, como se a beleza e o bom gosto não tivessem lugar em nossas vidas.

Figura 12: A Fonte, Duchamp (1917)



Fonte: ARTE REF, 2022

De maneira intencional ou impremeditada, Duchamp inaugurou um novo e grande movimento de subversão da arte e da beleza. Uma de suas maiores criações foi o *ready-made*, que nada mais era que uma série de objetos manufaturados comuns, que uma vez removidos de suas funções práticas e contextos habituais, eram selecionados, posicionados ou ajuntados, intitulados, assinados, e concebidos então como “arte”. Desse modo, objetos utilitários sem nenhum valor estético ou artístico, passaram a ser elevados à condição de obra de arte, pelo simples fato de terem em si uma assinatura e ganharem um espaço de exposição, junto a algum determinado conceito elaborado por alguém sobre ele. Daí por diante, as pessoas passaram a conceber como arte qualquer coisa que lhes fossem propostas, independente de suas características, levando em consideração apenas a narrativa que cercava o objeto e desprezando completamente a beleza.

Figura 13: As luzes acendendo e apagando, Martin Creed (2000)



Fonte: WALK TO FREE ART LONDON, 2014

Figura 14: Merda do Artista, Piero Manzoni (1961)



Fonte: ARTE REF, 2019

Figura 15: Mil Anos, Damien Hirst (1990)



Fonte: RAMOS DE CULTURA, 2013

O filósofo Luiz Felipe Pondé, entrevistado no documentário “O Fim da Beleza” (BRASIL PARALELO, 2022), nos relata em sua fala sobre a arte moderna as suas impressões sobre a mesma:

Quando digo aos historiadores de arte que acho arte moderna um horror, eles normalmente me dizem que Pollock (1912–1956), assim como Picasso (1881–1973) antes dele, ainda teriam uma importância relevante na história da arte, uma vez que eles foram criativos na sua forma de ruptura. A própria forma com que o *Urinol* de Duchamp, foi alocado performaticamente, teria um significado estético dentro da história da arte. Os historiadores da arte vão dizer que essas obras, de alguma forma, ainda estão na tradição, na medida em que eles estão fazendo uma operação terrorista contra a tradição. E aqueles que são derivados dele, não têm mais tradição alguma, apesar de que os historiadores vão dizer que ainda a arte contemporânea continua tendo seu significado sentido porque ela ainda está dialogando com a tradição e superando a própria ruptura da tradição, mas a minha impressão é que na realidade é quase uma conversa de loucos.

Plantadas as sementes do relativismo estético, tornou-se impraticável estabelecer qualquer juízo de valor a respeito do que é belo e bom. O entendimento de que “a beleza está nos olhos de quem vê” nos levou à uma constante decadência de padrões, até que estes fossem exterminados. E isto é evidenciado pela falta de senso crítico das pessoas, que são facilmente levadas por narrativas sofisticadas, em detrimento do que é verdadeiro. A exemplo disso, podemos destacar uma experiência realizada pelo artista visual Robert Florczak, quando propôs que sua turma de graduandos em Belas Artes fizesse uma análise de um quadro do Pollock (1912–1956), mostrado por ele em sala de aula, e dissessem o porquê aquela obra era boa, descrevendo o seu valor e importância para a história da arte. A maioria dos alunos elaborou respostas bastante eloquentes e favoráveis ao quadro apresentado, levando em consideração os conceitos artísticos vigentes; e somente após isso, o professor revelou à turma que aquele, na verdade, não era um quadro do Pollock, mas sim um close da foto de seu avental de pintura.

Figura 16: Close do avental de pintura, Robert Florczak



Fonte: PRAJERU, 2014 (<https://www.youtube.com/watch?v=INI07egoefc>)

Figura 17: Número 16, Jackson Pollock (1949)



Fonte: THE INK INQUISITION, 2019

Os ideais modernistas que sequestraram da arte a beleza, subjugando sua importância, não se detiveram em romper apenas com os padrões artísticos da época, mas alcançaram também (e talvez principalmente) o belo da arquitetura, tornando a beleza um subproduto da funcionalidade e reprovando completamente qualquer ornamentação ou detalhe que não possuísse uma função prática na edificação.

2.4. O reflexo da feiura e o chamado à beleza

Há quem diga que a beleza e a feiura só podem ser julgadas a partir do gosto pessoal de cada um, e que não existem meios objetivos de dar-lhes a correta definição. Porém, o que ocorre atualmente é uma relativização da beleza, que nos propõe aquilo que é feio e caótico, sob pretextos conceituais e ideológicos. Se o gosto é algo particular, subjetivo e mutável, ao atribuímos a ele o poder de julgamento de tudo, logo não teríamos nenhuma base de medida para nada e esvaziáramos o significado que o belo tem para a humanidade. A respeito disso, o Álvaro Siviero (BRASIL PARALELO, 2021) nos dirá:

Um grande problema que o homem moderno enfrenta hoje é a confusão do belo, da beleza, das manifestações verdadeiramente artísticas com o gosto pessoal. Por que você gosta de sorvete de chocolate? Por que você não gosta mais de sorvete de creme? A resposta é porque sim, porque eu gosto mais de sorvete de chocolate. Ou seja, o gosto pessoal, não tem base racional nenhuma, e por não ter base racional, ele não pode ser criticado. O gosto de cada um é o gosto de cada um. Agora veja, pelo fato de não ter base racional nenhuma, nós nos deparamos com uma dificuldade: não podemos utilizar o gosto de uma pessoa como critério para julgar o gosto do outro. E se eu não posso fazer isso, nesse exato momento e descartando a ideia de uma beleza objetiva real externo a mim, se tudo é gosto pessoal, não existem mais juízos comparativos, perde-se todo o sentido e as heranças da arte, da música, da literatura, da arquitetura e da moda. Não faria mais sentido estudar isso. Michelangelo e a pichação do muro da esquina se tornariam a mesma coisa.

Porém, contrariando a teoria de que “a beleza está nos olhos de quem vê”, estudos promovidos por neurocientistas cognitivos comprovam que o cérebro humano é dotado de uma predileção ao belo das formas universais, como os

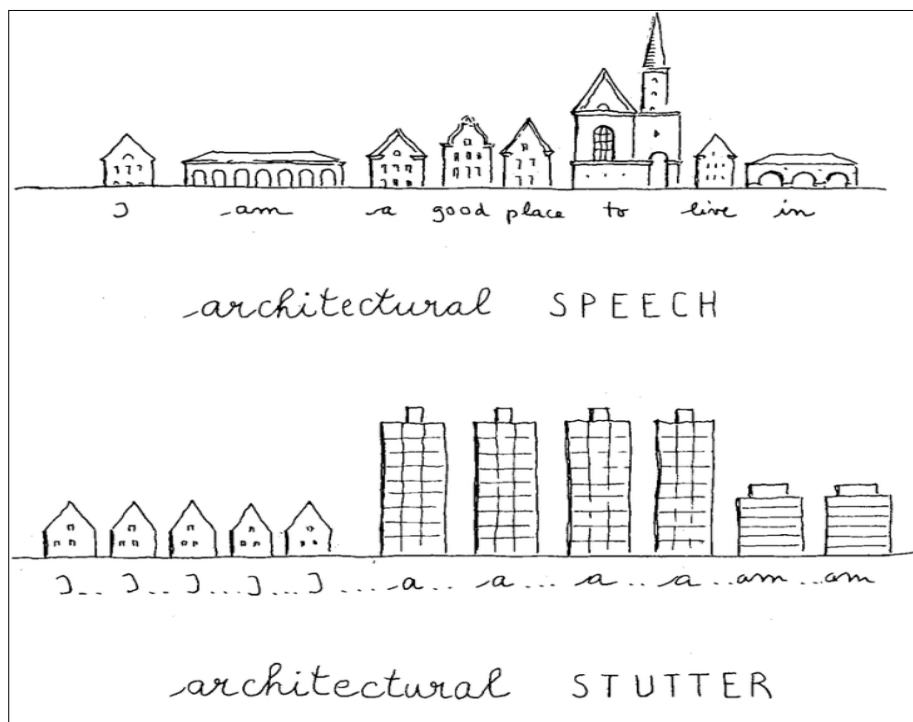
padrões fractais, a proporção áurea e até mesmo a simetria dos rostos humanos, sendo esta beleza uma das grandes responsáveis pelo bem estar das pessoas. A nossa visão exerce um papel de domínio sobre os nossos demais sentidos no que tange a captação do belo, e “sua conseqüente predileção na cognição tem sido observada por muitos filósofos” (Pallasmaa, 2011, p. 16). Em nossos olhos há uma busca inconsciente por detalhes e ornamentos que contenham os elementos da beleza universal, e de acordo com pesquisas, essa busca está mais relacionada com respostas neurais involuntárias do que com os gostos particulares do indivíduo ou de um povo.

Em 2019, cientistas do Instituto Max Planck de Estéticas Empíricas, na Alemanha, descobriram que existe um tipo de “código universal” dentro do cérebro humano que define o que entendemos como belo. Com o uso de ressonância magnética (MRI), eles monitoraram a atividade cerebral de diversos pacientes enquanto exibiam diversas imagens que são geralmente consideradas belas. (SOUSA, 2021, s/p)

“Os seres humanos parecem ter um misterioso acordo sobre a beleza de algumas coisas. Os padrões que continuam aparecendo, são criados e nutridos pela natureza. Eles tornaram-se parte da nossa biologia, porque ajudaram nossos ancestrais a sobreviver” (Kurzgesagt In a Nutshell, 2018). No princípio da história da humanidade, a identificação e avaliação dos fenômenos naturais, formas, padrões simétricos, ordem e harmonia das coisas, eram vitais; e em determinados aspectos ainda o são. Para determinar se uma fruta é boa para consumo, por exemplo, observamos sua simetria, cor, textura e todos os elementos que, unidos, a façam ter a aparência que ela deveria ter, e assim nos transmitir a segurança de que aquilo não nos fará mal. O mesmo raciocínio é aplicado para a análise das formas das nuvens ou ondas do mar, para determinarmos se haverá uma tempestade ou se tais águas seriam seguras para nado. Esses fatos mencionados são abordados por KURZGESAGT IN A NUTSHELL (2018), que reforça a ideia de que a simetria e a riqueza dos detalhes se apresentam de maneira tão familiar ao nosso cérebro, devido à sua forte presença na natureza.

No entanto, apesar de todos os apelos do nosso inconsciente pela beleza universal, o modernismo, como já visto, buscou romper com todos os padrões pré-concebidos do belo, causando diversos impactos negativos para o homem e conseqüentemente para a sociedade moderna. E do ponto de vista da Arquitetura, isto não foi diferente. Em favor da funcionalidade, do custo ou da eficiência, a beleza foi negligenciada nas construções arquitetônicas, e junto com ela também foram deixados de lado os sentidos humanos, as relações interpessoais e a sensação de pertencimento a um determinado meio. A Arquitetura Moderna trouxe para os centros urbanos o que o arquiteto Léon Krier denominará de “gagueira arquitetônica”: diversos prédios feios e iguais, que não comunicam absolutamente nada ao ser humano além de monotonia e solidão.

Figura 18: Croqui de Léon Krier – discurso arquitetônico X gagueira arquitetônica

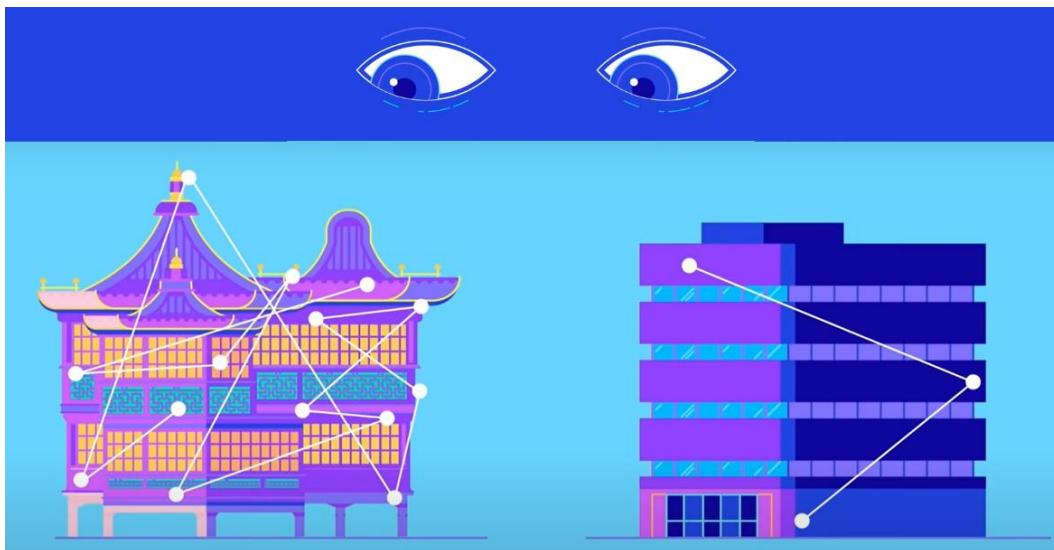


Fonte: ARCHDAILY, 2018

Se levamos em consideração toda a complexidade que há na natureza, somada à sensação de familiaridade inconsciente que os seres humanos têm por

ela, podemos concluir que a monotonia é a última coisa que qualquer pessoa anseia para a sua vida. E uma edificação carente de ornamentação, como nos propõem as construções modernas, não é capaz de atender aos anseios sensoriais do homem. O cérebro humano evoluiu em ambientes naturais cercados de toda a sorte de padrões fractais, e por isso a nossa visão precisa da contemplação da beleza através dos detalhes ornamentais, pois são eles quem definem a menor escala dos fractais que vemos à nossa volta. Isto fica evidente, segundo KURZGESAGT (2018), através de experiências realizadas com plataformas de rastreamento ocular, que demonstram que os nossos olhos ficam atraídos ao avistarem detalhes ornamentais na arquitetura, e se movimentam de maneira a buscá-los e a focá-los; mas que ao avistar paredes ou fachadas vazias, passam rapidamente o olhar por elas, ocorrendo o fenômeno que os cientistas chamam de “esquivamento”. Além dos experimentos visuais, também foram realizados testes com sensores de pele, que demonstraram sensações de tédio e desconforto em pessoas que se deparavam com fachadas sem ornamentos; e estas sensações estão muito relacionadas ao aumento do ritmo cardíaco e do nível de estresse nas pessoas.

Figura 19: Simulação de rastreamento ocular em fachadas clássica e moderna



Fonte: KURZGESAGT, 2018 (<https://www.youtube.com/watch?v=-O5kNPIUV7w>)

Essa carência do belo e falta de identificação do homem com as construções atuais podem, talvez, não alcançar uma notoriedade no sentido prático da nossa percepção, mas não passam despercebidas pelo nosso inconsciente. Pallasmaa (2011, p. 17) nos dirá que “a falta de humanismo da arquitetura e das cidades contemporâneas pode ser entendida como consequência da negligência com o corpo e os sentidos e um desequilíbrio de nosso sistema sensorial”. Para ele, existe uma certa patologia dos sentidos, que tem resultado em um aumento constante da alienação, do isolamento e da solidão. A arquitetura moderna, ao romper com os padrões clássicos da beleza e distanciar o homem de sua própria natureza e humanidade, deixou “desabrigados os nossos corpos e demais sentidos, bem como nossa memória, imaginação e sonhos (PALLASMAA, 2011, p. 19).

Além de suas funções em nossa mente, os ornamentos arquitetônicos também exercem o papel de dar identidade a um determinado ambiente e nos comunicar a história daquele lugar, comunicando assim a nossa própria história. E ao eliminarmos esses ornamentos das nossas construções, desconectamos os indivíduos de suas associações culturais e societárias, tornando impossível uma leitura da significação coletiva e individual. Uma construção moderna não carrega consigo nenhum valor cultural ou histórico em sua forma e seus materiais. Não seria possível que diferenciássemos, por exemplo, um prédio modernista construído no Japão ou um construído na Itália, pois nenhum deles transmitiria em suas paredes frias de concreto ou em suas janelas de vidro em fita, qualquer traço que nos remetesse a um determinado povo ou cultura. Também não seriam capazes, os ditos edifícios, de nos transmitir a verdade ou a vitalidade que há na temporalidade, visto que os materiais utilizados na maior parte de suas composições (chapas de vidro, plásticos sintéticos e metais esmaltados) tendem a demonstrar inflexibilidade em suas superfícies, nos remetendo a um cenário em que o desgaste do tempo não é atuante. Os materiais naturais (como madeira, pedra e tijolos) nos permitem, através de suas superfícies penetráveis, que nos conectemos com os processos inevitáveis do envelhecimento, que são mentalmente essenciais para nós. De acordo com Pallasmaa (2011, p. 32), “o enfraquecimento da experiência do tempo nos ambientes atuais tem efeitos devastadores”, pois temos naturalmente uma necessidade de nos sentirmos atrelados a uma continuidade do tempo no espaço; precisamos nos sentir vivos, para além do estado físico da matéria.

Figura 20: Arquitetura modernista no Japão.



Fonte: ARCHDAILY, 2022

Figura 21: Arquitetura modernista na Itália.



Fonte: ARCHTRENDS, 2020

Figura 22: Arquitetura tradicional no Japão



Fonte: WORLD HISTORY, 2018

Figura 23: Arquitetura tradicional na Itália.



Fonte: VIVA DECORA, 2018

Diante dos transtornos causados pelo distanciamento do homem da beleza universal, novos estudos, formatos e técnicas arquitetônicas foram desenvolvidos, com o objetivo de resgatar alguns dos princípios que ficaram perdidos na história. Um deles é a neuro arquitetura, que já tem sido bastante difundida e explorada nos projetos residenciais e comerciais da atualidade. Ficou comprovado por estudiosos do tema, o fato de que o ambiente em que estamos inseridos tem o poder de modelar a nossa maneira de viver, de pensar e de se relacionar com o outro. A ausência da beleza, cujo lugar fora ocupado pela função ou pelo custo, nos deixou por herança uma série de patologias e dificuldades, como por exemplo: a ansiedade,

a depressão, o egoísmo, a solidão, a falta de identidade e propósito, os comportamentos antissociais, a perda do senso crítico, e até mesmo do senso de realidade. De acordo com SCRUTON (2015), a pressa e a desordem da vida contemporânea, as formas alienadas da arquitetura moderna, o barulho e a espoliação da indústria de hoje, todas essas coisas fizeram com que fosse cada vez mais raro, mais frágil e mais imprevisível ter um encontro puro com a beleza. E essa beleza universal, que a arquitetura tradicional nos proporciona, expressa, através de seus detalhes ornamentais e obras artísticas, não apenas o belo que nosso inconsciente e nossos sentidos anseiam, mas também nos trás as narrativas que remontam a nossa própria história. Um povo que não possui uma narrativa ou senso histórico, estará fadado à destruição, pois será composto de indivíduos desconectados de si mesmos e de sua coletividade, à mercê da eventualidade de sua própria existência, sem ter onde alicerçar suas ações e sem perspectivas de futuro.

A arquitetura é a materialização de um grande processo que resultará em um ambiente de interação entre as pessoas, um lugar onde a vida social intercorre, ou seja, ela é a morada da sociedade e atua como se fosse uma grande moldura que envolve o quadro em que habitamos; sendo assim, podemos considerá-la como um arte que conecta várias gerações através de suas obras, e deste modo torna-se superior às demais, por tratar-se de uma arte viva. Por isso é demasiado importante que ela preserve os padrões de beleza tradicionais, para que nos reconecte com o nosso passado, não no sentido de copiá-lo, mas de caminhar junto a ele, pois nós não poderemos saber quem somos ou para onde vamos, se não soubermos quem fomos. O dever do nosso tempo é resgatar esses valores, para que possamos construir fundações sólidas para o nosso futuro, e a arquitetura é uma das principais pontes que nos unem à beleza, um elemento fundamental para curar os males da vida contemporânea.

3. REVISÃO DE LITERATURA

| Título | Autores/Ano | Objetivo | Conclusão |
|--|--------------------|---|---|
| O número de ouro na Arte, Arquitetura e Natureza: beleza e harmonia. | Ferrer, (2005) | Apresentar informações que demonstrem o quanto a arte, a arquitetura e a natureza podem estar relacionadas ao número áureo, tornando agradável aos olhos de qualquer ser humano a harmonia e beleza das formas que o rodeiam. | O ser humano naturalmente tende a imitar os elementos da natureza, na busca de solução para seus problemas, inclusive na construção do ambiente em que viverão. Ao sentir a necessidade de harmonia e beleza, deparou-se então com a onipresença do número de ouro, também conhecido como Razão Áurea. |
| A razão áurea e os padrões harmônicos na natureza, artes e arquitetura | Lauro, (2005) | Apresentar e discutir alguns exemplos do emprego da proporção áurea nas artes, nas obras arquitetônicas, na natureza e nas proporções do corpo humano. | Observou-se que a razão áurea (conhecida desde o século V a.C. pelos pitagóricos), aparece em diversas situações no mundo à nossa volta, muitas vezes inesperadas. Os padrões harmônicos são encontrados na natureza e utilizados nas artes, de maneira consciente e algumas vezes inconscientemente, contribuindo para a cultura do homem desde os tempos antigos. |

| | | | |
|---|----------------------------------|--|---|
| <p>Venustas verum : um paralelo entre decor e concinnitas na construção do sentido da beleza em arquitetura</p> | <p><u>Weizenmann,</u> (2019)</p> | <p>Apresentar um estudo teórico sobre o conceito de beleza na arquitetura clássica, a partir da leitura e da análise dos tratados De Architectura, de Vitruvius (séc. I a.C) e de re Aedificatoria, de Alberti (séc. XV); fundamentando-se na investigação das condições de excelência na arquitetura, a partir dos parâmetros construídos pela tradição clássica.</p> | <p>Percebe-se que, para ambos os tratadistas, estabelecer o belo é o grande objetivo da arte de edificar. Princípios abstraídos do mundo natural, tradições da construção e da decoração, processos de projeto, requisitos da visualização humana e outros fatores são discutidos com vistas a referenciar a busca da beleza na arquitetura. O decoro vitruviano e a concinidade albertiana seguem merecendo atenção no papel de balizadores da beleza como produto final da arquitetura.</p> |
| <p>A Arquitetura entre as Artes: Reflexões sobre a Beleza Arquitetônica</p> | <p>Matos, (2015)</p> | <p>Restituir o lugar da Arquitetura entre as artes, muitas vezes subjugada à técnica construtiva e ao domínio da ciência e da matemática, portanto, destituída da Arte.</p> | <p>A Arquitetura é uma Arte, e enquanto arte, produz o belo, isto é, possui um significado nela intrínseco que resplandece através da obra.</p> |
| <p>O templo grego e a beleza utilitária.</p> | <p>Borges, (2020)</p> | <p>Expor a relação entre o útil e o belo, na Arquitetura Clássica, e o modo com que o belo se sobrepõe ao utilitário; determinando assim a distinção entre o ornamento e a obra de arte.</p> | <p>Entendemos que na arquitetura clássica, como também em outros períodos da história, determinados elementos arquitetônicos só serão utilitários na medida em que forem belos e responderem às dimensões subjetivas e emocionais do sujeito.</p> |

| | | | |
|--|--|---|--|
| <p>Estética Clássica: Visão da Beleza por Sócrates, Platão e Aristóteles na Arquitetura.</p> | <p>Muniz, Albuquerque, Malta e Silva, (2021)</p> | <p>Expor e exemplificar os conceitos de belo e beleza analisados na estética clássica de Sócrates, Platão e Aristóteles.</p> | <p>A beleza vai muito além daquilo que é belo aos olhos de cada um.</p> |
| <p>Em defesa da beleza: O sagrado e a filosofia da beleza de Roger Scruton</p> | <p>Arielo, (2019)</p> | <p>Revelar a visão sobre a beleza e o sagrado, a partir do filósofo Roger Scruton</p> | <p>A beleza é defendida por Roger Scruton como um fim em si mesma; não visando à utilidade ou à criticidade, mas tendo como função a de dar um rosto para o mundo, onde o ser humano possa se reconhecer como parte da comunidade. Por isso, o amor, a sacralidade e o sacrifício são indispensáveis à sua compreensão.</p> |
| <p>Neuro arquitetura: design biofílico aplicado ao espaço construído e o impacto no aspecto mental e físico do indivíduo</p> | <p>Souza e Pezzini, (2021)</p> | <p>Compreender de que maneira o uso da natureza como fonte de inspiração para a criação de ambientes, pode provocar, nas pessoas, alterações nos aspectos físicos, mentais e comportamentais.</p> | <p>O estudo evidencia que um ambiente influencia diretamente a rede padrão do desempenho cerebral, e desse modo, a Arquitetura tem o poder de causar alterações no estado mental, emocional e comportamental de um indivíduo. Além disso ficou claro que a conexão das pessoas com os elementos da natureza é bastante robusta ao ponto de propiciar o aumento do bem-estar geral.</p> |
| <p>A Relação Estética/Ética na Arquitetura</p> | <p>Rodriguez, (2011)</p> | <p>Verificar como se dá a relação entre a Estética, a Ética e a Arquitetura, para então compreender quais são as suas afinidades com o arquiteto, a</p> | <p>O bem completa o belo para juntos construírem espaços sensíveis, de beleza, harmônicos, sociais, corretos e éticos. é importante para a arquitetura que ela</p> |

| | | | |
|--|--|----------------------------|--|
| | | arquitetura, e a sociedade | siga junto aos estudos estéticos e éticos, pois a arquitetura que junta a beleza e o bem é uma arquitetura completa. |
|--|--|----------------------------|--|

De acordo com o quadro de resultados acima, podemos observar que os artigos em questão nos trazem pontos muito importantes, que reafirmam o quão essencial a beleza é para a humanidade, e como ela está arraigada de modo intrínseco ao nosso ser. Os artigos 1 e 2, por exemplo, nos trazem evidências muito pertinentes no que tange a existência da Razão Áurea nas proporções das formas encontradas na natureza, e o quanto o ser humano tem a tendência natural de buscar e imitar essas formas em suas produções artísticas e arquitetônicas, desde o período da antiguidade. Esse mimetismo se dá tanto de maneira consciente quanto inconsciente, demonstrando o quão estreito é o relacionamento entre o nosso cérebro e a beleza universal, esta que não obedece a conceitos ideológicos modernos. Tanto Ferrer (2005) quanto Lauro (2005) abordam a onipresença do Número de Ouro e da Proporção Áurea nos elementos da natureza, e apontam que a busca dos seres humanos pela beleza desses padrões é involuntária. Através de demonstrações matemáticas e teorias filosóficas, ambos os autores defendem a necessidade humana do convívio com a harmonia, o equilíbrio e a conformidade das formas naturais, expressas em obras artísticas e ornamentos arquitetônicos.

Já nos artigos 4 e 8, apesar de seus temas serem distintos, a ideia que há por detrás deles é a mesma: a beleza é essencial para o bem-estar das pessoas, e a arquitetura, na condição de arte, é responsável por nos transmitir esta sensação por meio da expressão do belo universal em suas formas. No que tange os atributos artísticos dados à arquitetura, Matos (2015) nos dirá que ao explorarmos a arquitetura enquanto arte, cuja atividade produz objetos, interessa-nos definir se ela se resume à produção de um mero apetrecho ou de uma obra de Arte. Neste sentido, o que distinguirá uma obra de Arte de um apetrecho é o fato de que a primeira instala um mundo através da obra, enquanto a essência do segundo repousa na sua serventia. Deste modo, sendo a arquitetura a materialização de um grande processo que resulta em um ambiente de interação entre as pessoas, cujo

papel exerce um estreito relacionamento e influência nas questões existenciais destas, torna-se impossível dissociá-la da instalação de um mundo, configurando-se então uma Obra de Arte. E ao retirarmos a beleza e a arte da Arquitetura, tornando-a uma mera ferramenta de produção utilitária, negligenciamos o poder que ela detém sobre o desenvolvimento do pensamento humano, enquanto sujeitos ímpares e enquanto membros de um corpo social. A respeito dessa questão, Souza e Pezzini (2021) nos mostrarão que o equilíbrio entre o corpo e a mente está diretamente relacionado ao nosso contato com a natureza, sendo involuntária a nossa busca por ela, ainda que subconscientemente. Elas defenderão que a arquitetura quando inspirada pela natureza desencadeia sensações de felicidade e refrigério, confrontando os sentimentos provocados pela nossa atual realidade caótica. Deste modo, podemos concluir que tais estudos nos remontarão o antigo cenário da concepção do belo autêntico, que dispunha do entendimento de que a beleza estaria associada a princípios e valores mais profundos do nosso ser, sendo ela um elemento indispensável para os nossos sentidos e para a formação das sociedades; enquanto que a Arquitetura, na qualidade de obra de arte, tem o poder de nos conduzir à ordem ou ao caos, a partir da maneira como se permite (ou se recusa) a manifestar a verdadeira Beleza.

7. CONCLUSÕES

Ficou evidente, através dos estudos realizados, que a necessidade de contemplação do Belo é natural e manifesta-se no inconsciente de todo ser humano. Cada um de nós é dotado de uma predileção à uma beleza que é universal e que não se modifica a partir de modismos ou narrativas conceituais, pois ela existe no universo natural – físico e metafísico – e tem a virtude de realçar o sentido da nossa vida, elevando-nos a patamares mais altos do nosso ser. Durante muitos séculos a Arquitetura foi uma das manifestações artísticas que se encarregou de nos conduzir ao Belo, por meio da harmonia, da ordem e do equilíbrio entre as diferentes partes detalhadas e de um todo, que compunham seus objetos. Através de seus ornamentos e materiais naturais, as obras arquitetônicas eram capazes de nos transmitir identidade, senso histórico, verdade e identificação com a nossa própria natureza humana e com o divino. No entanto, a modernidade trouxe consigo um rompimento do ser humano com os valores tradicionais, que eram refletidos por intermédio da Arte, e nos desconectou dos nossos sentidos, da nossa história e dos nossos princípios, causando diversos efeitos reversos na sociedade contemporânea. A beleza passou a ser relativizada, e junto com ela relativizou-se também o que é verdadeiro e o que é bom. Diante desse cenário, foram implementados estudos que comprovaram a eficácia e substancialidade da beleza universal para o inconsciente humano, incentivando assim a retomada do uso de suas benéficas propriedades nas produções arquitetônicas atuais. Os fatos mencionados nos apontaram que o significado do Belo, tal qual o da verdade, é genuíno e não pode ser determinado por ideologia ou juízo de valor. Sendo assim, à Arquitetura deveria ser reservada a função de embelezar as nossas vidas enquanto nos abriga, pois não haveria motivos outros para que ela fosse uma Arte, se não este: o de elevar os nossos padrões existenciais, tornando-nos mais humanos e mais felizes.

8. REFERÊNCIAS

29 padrões fractais hipnotizantes encontrados na natureza. **MDIG**, 2014. Disponível em: <https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=30380>. Acesso em 04/2023.

A proporção áurea e suas influências nas construções. **Gerência de Obras**, [s.d.]. Disponível em: <https://gerenciadeobras.com.br/proporcao-aurea-nas-construcoes/>. Acesso em 02/2023.

ARIELO, Flávia. Em defesa da beleza: **O sagrado e a filosofia da beleza de Roger Scruton**. Doutorado em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

As digitais do Criador. **Raciocínio Cristão**, 2014. Disponível em: <https://www.raciociniocristao.com.br/2014/05/digitais-criador/>. Acesso em 03/2023.

BORGES, Carolina. **O templo grego e a beleza utilitária**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18830/issn2238-362X.v10.n1.2020.01>. Acesso em 01/2023.

BRAGA, Thiago; LYRIO, Gabriel. **Fractal Science**, 2020. O que são os fractais, padrões matemáticos infinitos apelidados de 'impressão digital de Deus'. Disponível em: <https://fractalscience.org/o-que-sao-os-fractais/>. Acesso em 04/2023.

BRASIL PARALELO. **Arte é uma questão de gosto pessoal?**. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zH-6rqqp9ZQ>. Acesso em 02/2023.

COMBERG, Ella. ArchDaily, 1 de julho de 2018. **Croquis de Léon Krier, um tipo diferente de desenho de arquitetura**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/896951/croquis-de-leon-krier-um-tipo-diferente-de-desenho-de-arquitetura>. Acesso em 02/2023.

CRUZ, Talita. Viva Decora, 22 de setembro de 2018. **Arquitetura italiana: descubra porque ela é a mais influente da história**. Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura-italiana/>. Acesso em 02/2023

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Escola educação. **Pinterest**, [s.d.]. Fractais. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/732609064379253042/>. Acesso em 03/2023.

FERRER, Joseane. **O Número de Ouro na Arte, Arquitetura e Natureza: beleza e harmonia**. Licenciatura em Matemática, Universidade Católica de Brasília, 2005.

Fractais e Bonsai: Uma jornada pela dimensão oculta. **Aido Bonsai**, 2011. Disponível em: <https://aidobonsai.com/2011/10/18/fractais-e-o-bonsai/>. Acesso em 04/2023.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

JESUS, Fernanda. **Pinterest**, [s.d.]. O homem vitruviano. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/243335186101758787/>. Acesso em 03/2023.

KURZGESAGT IN A NUTSHELL. **Porque coisas bonitas nos fazem felizes – A beleza explicada**. Youtube, 23 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-O5kNPIUV7w>. Acesso em 01/2023.

LAURO, Maira. **A razão áurea e os padrões harmônicos na natureza, artes e arquitetura**. Exacta nº 3. Mestrado em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2005.

MARTINS, Patrícia. **O Número de Ouro e a Divina Proporção**. 2008. Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2008.

MATOS, Mariana. **A Arquitetura entre as Artes: Reflexões sobre a beleza arquitetônica**. Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura Universidade do Porto, Portugal, 2015.

MUNIZ, Davi; MALTA, Lara; ALBUQUERQUE, Maria; SILVA, Maria. **Estética Clássica: visão da Beleza por Sócrates, Platão e Aristóteles na Arquitetura**.

Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife, 2021.

NIFOSÌ, Giuseppe. **Arte Svelata**, 2020. La Maestà del Duomo di Siena di Duccio: L'incomparabile capolavoro di Duccio di Buoninsegna. Disponível em: <https://www.artesvelata.it/maesta-duomo-siena-duccio/>. Acesso em 05/2023.

O fim da beleza. Direção: Marco Aslan. Produção: Vinicius Del Duque. Porto Alegre: **Brasil Paralelo**, 2022. Disponível em: <https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/o-fim-da-beleza/media/6214017af866060026c743b5>. Acesso em 02/2023.

Obras polêmicas que mudaram a história da arte. **ARTE REF**, 3 de outubro de 2022. Disponível em: <https://arteref.com/arte/curiosidades/obras-polemicas-que-mudaram-a-historia-da-arte/>. Acesso em 05/2023

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

Piero Manzoni: Artist's Shit, literalmente!. **ARTE REF**, 25 de agosto de 2019. Disponível em: <https://arteref.com/arte/curiosidades/piero-manzoni-artists-shit/>. Acesso em 05/2023.

PLATÃO. **República**. São Paulo: Martin Claret, 2000. Tradução de Pietro Nassetti.

PRAJERU. **Por que Arte Moderna é tão ruim?**. Youtube, 1 de setembro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=INI07egoefc>. Acesso em 06/2023.

Proporção Áurea (razão áurea). **Significados**, 2011. Disponível em: <https://www.significados.com.br/proporcao-aurea/>. Acesso em 03/2023.

RAMOS, Cristiano. **Ramos de Cultura**, 2013. Por que a Beleza importa – tudo é arte e nada é arte?. Disponível em: <https://ramosdecultura.wordpress.com/2013/05/16/por-que-a-beleza-importa-tudo-e-arte-e-nada-e-arte-parte-2/>. Acesso em 05/2023.

RODRIGUEZ, Agata Harumi. **A relação estética/ética na Arquitetura**. Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011.

ROMANATO, Daniella. **Consumo, Estética e Cultura Midiática**. Limeira: FAAL, 2020.

SCRUTON, Roger. **Beleza**. São Paulo: É Realizações, 2015.

SCRUTON, Roger. **Why Beauty Matters?**. Vimeo, 2014. Disponível em: https://vimeo.com/128428182?embedded=false&source=vimeo_logo&owner=211348%2062. Acesso em 04/2023.

Sequência de Fibonacci: descubra o que é isso. **Peter Chemical**, 2022. Disponível em: <https://peterchemical.com.br/2018/11/22/sequencia-de-fibonacci/>. Acesso em 03/2023.

SOUSA, Maria Carolina. UOL, 3 de fevereiro de 2021. **Cientistas buscam entender como nosso cérebro reage à beleza**. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/beleza-estimulos-do-cerebro/>. Acesso em 02/2023.

SOUZA, Rosana; PEZZINI, Camila. **Neuroarquitetura: design biofílico aplicado ao espaço construído e o impacto no aspecto mental e físico do indivíduo**. Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário FAG, Cascavel, 2021.

STOUHI, Dima. ArchDaily, 02 de maio de 2022. **Edifício mais alto do Japão tem sua estrutura concluída**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/980960/edificio-mais-alto-do-japao-tem-sua-estrutura-concluida>. Acesso em 04/2023.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

The lights going on and off work 277 by Martin Creed. **Walk To Free Art London**, 15 de fevereiro de 2014. Disponível em: <http://walktofreeartlondon.blogspot.com/2014/02/267-lights-going-on-and-off-work-277-by.html>. Acesso em 06/2023.

VEGINI, Luiza. Archtrends, 26 de agosto de 2020. **O novo pórtico do City Life em Milão**. Disponível em: <https://blog.archtrends.com/city-life-milao/>. Acesso em 04/2023.

WEIZENMANN, Jamile. **Venustas Verum: um paralelo entre decor e concinnitas na construção do sentido da beleza em arquitetura**. Doutorado em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

What's the big deal with Jackson Pollock?. **The Ink Inquisition**, 8 de setembro de 2019. Disponível em: <https://theinkinquisition.wordpress.com/2019/09/08/whats-the-big-deal-with-jackson-pollock/>. Acesso em 06/2023.

WIENER, James. World History Encyclopedia, 12 de janeiro de 2018. **The Heian-era Byodoin Temple**. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/image/7908/the-heian-era-byodoin-temple/>. Acesso em 03/2023.